

HISTÓRIA DOCUMENTAL DO METODISMO NO RIO GRANDE DO SUL

Textos originais de João da Costa Corrêa e
John William Price

ÍNDICE

PARTE I

História da Nossa Igreja no Estado do Rio Grande do Sul pelo Dr. João da Costa Corrêa

Apresentação	4
Um Cristianismo Militante	6
O Testemunho dos Simples	8
Semeando Bíblias	9
O Pioneirismo da Obra Educacional no Rio Grande do Sul	12
As Primeiras Controvérsias	14
O Metodismo entre os Italianos	15
O Metodismo na Capital Gaúcha	17
Carmen Chacon: Uma Indivisível Luz na Obra Educacional Metodista	19
A Propaganda Evangélica	22

PARTE II

A História da Nossa Igreja por John W. Price 1899 – 1900

John William Price: Notas Biográficas	26
A História da Nossa Igreja por John W. Price 1899 – 1900	28
A História da Nossa Igreja por John W. Price 1899 – 1900	30
A História da Nossa Igreja por John W. Price 1899 – 1900	32
A História da Nossa Igreja por John W. Price 1902- 1903	34
A História da Nossa Igreja por John W. Price 1903-1904	36

HISTÓRIA DA NOSSA IGREJA
NO
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
PELO
DR. JOÃO da COSTA CORRÊA

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho apresenta-se como a transcrição do original *História da Nossa Igreja*, documento escrito por João da Costa Corrêa. Publicado em Porto Alegre pelo jornal **O Testemunho**, *História da Nossa Igreja* trata-se de uma publicação quinzenal editada entre 1º de fevereiro de 1905 a 1º de maio do mesmo ano. Como documento histórico é bastante elucidativo, e provavelmente um dos únicos registros sobre os primórdios do metodismo no Rio Grande do Sul.

Tanto Mena Barreto Jaime, em seu livro *História do Metodismo no Rio Grande do Sul* (1963), como James I. Kennedy, em *Cinquenta Anos de Metodismo no Brasil* (1928), valeram-se deste original, publicado no jornal **O Testemunho**, para a composição de seus respectivos estudos sobre a história do metodismo no Rio Grande do Sul e no Brasil.

A publicação deste material em sua íntegra pode oferecer ao leitor uma visão geral sobre "o espírito de uma época", num momento em que as desavenças e as discórdias entre católicos e protestantes davam o tom polemista da linha editorial do jornal **O Testemunho**.

No final do século XIX e início do século XX, o protestantismo estava em luta pela garantia da liberdade religiosa por meio da difusão da Palavra e do estabelecimento das primeiras escolas confessionais. O tom polemista da imprensa evangélica e da propaganda bíblica exprime o esforço da inserção protestante por meio de suas primeiras escolas, com um conseqüente trabalho pela legitimação do *Culto Público*.

Ao folhear as subseqüentes páginas, escritas por João Corrêa, o leitor poderá observar que o trabalho metodista no Rio Grande do Sul nasceu da visão estratégica e inovadora do Rev. Thomas B. Wood, Superintendente da obra metodista no Prata. Residente na capital da República Oriental do Uruguai, Thomas B. Wood consagrou-se como tribuno das causas do Evangelho na América Latina. A ele deve ser creditada a iniciativa de enviar João Corrêa, como emissário do Evangelho, para verificar as condições ao pleno estabelecimento do metodismo no Sul do Brasil, a partir da capital Porto Alegre.

O texto que se segue são as reminiscências de João Corrêa, um semeador do Evangelho que escreve trinta anos depois (1905) de sua primeira viagem de reconhecimento missionário (1875) pelo Rio Grande do Sul. Nesta apresentação não nos propusemos salientar datas, nomes, fatos, localidades e pessoas, pois acreditamos que a leitura do texto original é bastante pródiga em detalhes, datas, localidades e referências a pessoas que labutaram pela causa metodista no Estado. Salientamos, no entanto, o nome de Carmen Chacon como precursora da obra educacional metodista no Estado. Sua precocidade intelectual, seu pioneirismo evangélico, sua vocação para o magistério e seu passamento trágico constituem uma das mais emocionantes páginas do metodismo brasileiro, registrada por João Corrêa em sua narrativa.

Para finalizar, gostaríamos de fazer algumas considerações sobre a necessidade que tivemos de ordenar o texto em capítulos. Originalmente, a narrativa não se encontra disposta em capítulos e tampouco João Corrêa e o editor de **O Testemunho** se preocuparam em organizar o relato dentro de uma estrutura temática precisa. Ao que nos parece, a distribuição narrativa seguiu muito mais uma lógica ditada pela oportunidade do espaço gráfico, quinzenalmente disponível para as publicações em

fascículos. Deste modo, os capítulos que se seguem foram criados pelo organizador com o intuito de facilitar a compreensão temática do leitor, sem prejuízo ou alteração da narrativa original. Não seguimos a seqüência quinzenal impressa no jornal **O Testemunho**, e assinalamos em nota de rodapé como, no original, encontra-se cada seqüência que ora organizamos em capítulos.

Dentro da ordem temática, intitulamos os seguintes capítulos: 1. Um Cristianismo Militante; 2. O Testemunho dos Simples; 3. Semeando Bíblias; 4. O Pioneirismo da Obra Educacional no RGS; 5. As Primeiras Controvérsias; 6. O Metodismo entre os Italianos; 7. O Metodismo na Capital Gaúcha; 8. Carmen Chacon: Uma Indivisível Luz na Obra Educacional Metodista; 9. A Propaganda Evangélica.

O trabalho de transcrição demandou que atualizássemos a grafia da redação. Também foi necessário fazer alguns ajustes de concordância verbal, pois o texto, freqüentemente, assim o exigia, carecendo e sobrepondo, além do mais, certas pausas e vírgulas. Estendendo-se sob seqüências longas, o texto às vezes tornava-se confuso, às vezes cansativo.

Cem anos depois da sua publicação original, vale a pena conhecer, pela memória do Dr. João Corrêa, aspectos dos primórdios do metodismo no Rio Grande do Sul, reconhecendo a monumental contribuição de João Corrêa para o estabelecimento e a edificação do metodismo no Estado.

* Prof. João Paulo Aço
Historiador

HISTÓRIA DA NOSSA IGREJA no Estado do Rio Grande do Sul pelo Dr. João da Costa Corrêa

“Dize ao povo de Israel que marche”. Êxodo 14:15.

UM CRISTIANISMO MILITANTE¹

Existem alguns espíritos mesquinhos que pretendem ver o cristianismo retrocedendo em vez de avançar. Julgam que, com par de conferências condimentadas com galhofas e néscias vulgaridades apaixonadas e balofas dos *ismos*, suplantam o cristianismo, ao extremo de deixá-lo em estado de agonia.

Cândidas ilusões!... Por mais que a incredulidade lute, jamais poderá meter na couraça do cristianismo a ponta do ferro da sua pretendida lança.

O cristianismo é invulnerável: os vinte séculos que leva de existência e os milhões de crentes que povoam o nosso planeta são o único argumento que se apresenta para demonstrar que está de pé, presentemente, mais elevado do que nunca.

Apesar das cruelíssimas perseguições sangrentas de que tem sido alvo, de parte dos sectários de outras religiões e dos ataques da falsa filosofia, jamais perdeu uma linha de terreno, ao contrário, o sangue dos mártires caídos na jornada indica os passos gigantescos que tem avançado.

Houve um tempo em que a férrea vontade de um homem, unido ao poder de que dispunha, julgou haver extinto até o nome do cristianismo — tal foi a perseguição a que submetera os cristãos — e, dando expansão ao peito, regozijava-se na sua obra, mostrando ao mundo uma *heróica* façanha.

Ilusão triste!...

Assim como Lázaro do fundo escuro da sepultura atendeu ao chamado do Divino Mestre, o cristianismo surgiu mais potente do que em nenhuma outra época, disposto a provar que se equivoca quem quer loucamente destruir a obra de Deus. O cristianismo floresceu mais do que nunca.

Outra vez, um homem de engenho, confundindo a religião cristã com outra que havia se apropriado do mesmo título, procurou, tendo julgado encontrar na sua ciência uma força poderosa e um auxiliar importante, minar pela base o cristianismo, usando o ridículo, o sofisma e a calúnia com o único fim de derrubá-lo.

Também ilusão triste julgar haver enterrado o cristianismo!...

Equivocou-se, a religião de Cristo continuou sua marcha ascendente sem preocupar-se com os ladridos de uns e as exclamações de outros.

Presentemente, seria uma leviandade negar que o cristianismo não avança de vento em popa em vastas regiões do mundo, introduzindo-se em todos os ramos do saber humano, no seio das sociedades.

Mesmo os países que em outros tempos mostravam-se refratários, hoje abrem seus corações para receber a semente do Evangelho de Cristo, mostrando-se dóceis ao jugo cristão, aceitando a Boa Nova da saúde com gozo e grande satisfação.

A imprensa evangélica registra diariamente fatos provando a evidência, o argumento sempre crescente da religião cristã no mundo.

¹ *O Testemunho*. Ano II. 1º de fevereiro de 1905. Porto Alegre: Livraria do Globo, p.10.

Na Espanha, Portugal, Rússia, Prússia, França etc., e mesmo no coração do clericalismo, na própria Itália, sede do Pontífice romano, ganha terreno o cristianismo e ostenta orgulhoso seus templos e seus edifícios de instrução e edificação religiosa, deixando de falar na Inglaterra e nos Estados Unidos, porque sabido é que ali o cristianismo cresce incomensuravelmente.

Aqui, no nosso caro Brasil e em todas as Repúblicas do continente sul-americano, sucede o mesmo. Em todas as partes, o cristianismo levanta-se potente desafiando as intolerâncias fanáticas de uns e os gritos destemperados e as ridicularias de outros, abrindo passo lento e firme sem que nada e ninguém ouse fazê-lo retroceder uma só linha do seu terreno conquistado.

Inutilmente o clericalismo romano, desde seus púlpitos, troveja contra a marcha progressiva do Evangelho e procura pôr-lhe travas, trabalhando sigilosamente no confessionário e por meio de publicações, nada conseguindo a não ser fazê-lo resplandecer mais e mais nas verdades cristãs.

O mesmo, outra escola ainda mais prejudicial para o cristianismo e a sociedade moderna, procura provar que a religião da Bíblia é uma mentira e que está cheia de erros e contradições palpáveis com a ciência dos novos tempos — todas essas vãs declamações perdem-se no vazio e o cristianismo marcha e marchará sempre, apesar dos pesares, e a despeito dos gritos destemperados e das ocas declamações. Assim como tem saído ileso dos grandes combates que contra ele tem havido, continuará saindo ainda melhor das pequenas escaramuças em que, em nossos tempos, está sendo acometido.

O cristianismo não é obra dos homens. É obra de Deus e, portanto, não é o homem que com toda a sua pequenez, por mais que se esforce, tenha a estultícia de derrubá-lo, porque pretender detê-lo na sua marcha seria o mesmo que deter as vagas do oceano que em coro bradariam: louco!

Quanto mais se enfureçam contra ele, tanto melhor, mais adiantará.

Agora, para que não se forjem ilusões, vamos descrever em breves traços a História do Metodismo — uma das manifestações do cristianismo neste Estado.

O metodismo é o resultado da última reforma protestante verificada por John Wesley no ano de 1754. Desde então foi crescendo até nossos dias, em que conta com milhões de membros, templos, pregadores etc., em toda parte do mundo, formando um dos ramos da Igreja evangélica, o mais importante pela sua idade e pelo seu poder atualmente. É a única Igreja que pela sua política agressiva, pelas suas doutrinas disciplinárias, pela simplicidade do culto e pela sua liberalidade, etc., está destinada a conquistar o mundo.

O TESTEMUNHO DOS SIMPLES²

O metodismo como uma das ramificações do cristianismo tem, em si, o poder mágico e surpreendente de conquistar almas para Cristo. Um coração convertido, conquistado para Jesus Cristo, sente logo veemente desejo de contar aos seus semelhantes o que *viu* e *ouve*, não pode ficar mudo e quedo diante dos fatos que Jesus fez por ele e, como aquele cego de nascimento, confirma: "Uma coisa sei, que havendo eu sido cego, agora vejo". (S. João 9: 1-27).

Daí deduzimos que um convertido metodista, seja qual for o grau de sua instrução intelectual e sua posição social, constitui-se, de per si, espontaneamente em entusiasta pregador do Evangelho. Conheci um bom homem, cristão humilde, idoso, de profissão colchoeiro ambulante, que não sabia manter uma conversação porque sua falta de instrução e verbosidade assim o permitiam, pois, nas casas onde era chamado para os misteres da sua profissão, apenas conversava, porém, em compensação, tinha uma voz melodiosa, sonora e vibrante que o constituía em bom tenor lírico, então, no interior das casas preparando colchões, não cessava de cantar com ardor e entusiasmo da fé os cânticos religiosos que, de memória, aprendia na congregação metodista, da qual era assíduo e fervente membro — digo *fervente membro* porque, no templo, o acento que o Celestino, assim era o seu nome, costumava ocupar, fizesse o tempo que fizesse, durante sua vida, desde sua conversão, antes da hora de começar o culto, estava por ele ocupado. Algumas vezes, o bom velho, fraco pelos anos e cansado pelo seu honroso trabalho, dormia: o pastor subia ao púlpito, anunciava o hino e ele não o percebia, porém, o som do harmônio transformava seu estado, acordava-se, e, quando a congregação se levantava, ele também, e com sua vibrante voz sobressaía a todas as presentes; estava tão familiarizado com as toadas que era sumamente impossível equivocá-lo. Sua voz era a pregação do Evangelho no interior de uma casa onde seus habitantes, por circunstâncias quaisquer, nunca tinham ouvido do Evangelho uma só palavra, e conheço depois pessoas convertidas somente pela curiosidade despertada por Celestino nos seus cantares, que era um caminho que Deus abria para irem escutar no templo a mensagem da Paz, regozijando seus corações com sólidas esperanças.

Muitas ocasiões, transitando eu pelas ruas da cidade, passava defronte de uma casa e, inesperadamente, sabia que o Celestino estava perto, pois de longe sua voz vibrante atravessava o espaço para ir ferir os ouvidos dos transeuntes, que como os sons das buzinas dos israelitas diante das muralhas de Jericó, destruindo-as milagrosamente, destruíam por sua vez a indiferença, o ceticismo e os preconceitos etc., que como fortes trincheiras impediam os corações de irem a Cristo, pois o velho colchoeiro metodista não era orador, não sabia falar, mas tinha um mágico poder de despertar, com seus cantares, almas dormidas para Cristo. Era um desses cristãos pios, sinceros, que *piava*, dando ocultamente a saber aos seus irmãos que estava no seu humilde posto, confirmando as palavras do Senhor que dizia: "Se estes se calarem as pedras falarão".

² *O Testemunho*. Ano II. 15 de fevereiro de 1905. Porto Alegre: Livraria do Globo, p.14.

SEMEANDO BÍBLIAS³

A Igreja Metodista desde há muitos anos tem suas Missões estabelecidas na América do Sul, assim que as Repúblicas sul-americanas, subjugadas durante anos debaixo da férula corruptora do romanismo embrutecedor, participam dos benefícios prazenteiros que derrama o Evangelho por ela pregado. Uma congregação formada e bem constituída é uma garantia para a sociedade, continuamente ameaçada pelos raios do mal em todas as suas formas.

Em nosso caro Brasil, as igrejas metodistas encontram-se desde o Amazonas até o Rio da Prata sobre a costa do Atlântico, onde ostentam seus magníficos edifícios, verdadeiros monumentos, como um selo visível da sua existência e para a reunião dos seus membros cantarem honra e glória ao Deus Imutável, Eterno e Invisível.

No Estado do Rio Grande do Sul, no ano de 1875, desde o mês de abril até dezembro do mesmo ano, um pregador da Igreja Metodista de Montevideú, nativo do referido Estado, carregando consigo toda a classe de sacrifícios, veio a suas expensas em viagem de exploração, visitando com exemplares das Sagradas Escrituras quase todas as cidades, vilas e aldeias, iniciando reuniões para instrução do Evangelho, encontrando centenas de almas, algumas descrentes do romantismo, outras indiferentes e outras fanáticas romanistas com seus corações abertos, recebendo neles a semente da Verdade de Jesus Cristo. Durante dez meses trabalhou em Rio Grande, Pelotas, São Lourenço, Jaguarão, Bagé, Porto Alegre, São Jerônimo, Triunfo, Taquari, Rio Pardo, Cachoeira, Encruzilhada, Santa Cruz, Santa Maria, etc., onde deixou abundantíssimo terreno preparado e semeado, esperando em tempo oportuno a colheita que há de vir, retirando-se com grande satisfação como os discípulos da Missão dos Setenta, levando gratas recordações do que viu na seara do Senhor.

Dois anos mais tarde, um missionário da Igreja Metodista do Sul, o Rev. J.J. Ransom, visitou também este Estado, viajando a várias cidades e distribuindo as Sagradas Escrituras. Este missionário, na sua excursão, recebeu as mais gratas impressões do resultado do trabalho de seu antecessor, sobre quem procurou indagar o tempo que fazia que havia andado no lugar e de onde tinha vindo, tendo colhido suas informações. Logo trasladou-se a Montevideú, onde encontrou o Superintendente da Missão Metodista do Rio da Prata, Dr. Thomas B. Wood, com quem hospedou-se durante sua estada lá.

Referiu-se ao que viu neste Estado a respeito do Evangelho e a necessidade de estabelecer uma Missão aqui, idéia que anos mais tarde, depois de estudo e novas viagens de exploração, deveria realizar-se.

O Rev. Ransom procurou entrar em relações com o pregador da igreja em outra parte, aludindo para melhor conversar sobre a obra do Rio Grande do Sul; finalmente convidou-o para vir ao Estado trabalhar um pouco de tempo juntos, e a esse fim embarcaram os dois chegando ao Rio Grande, onde permaneceram alguns dias.⁴

Ao chegar ao Rio Grande encontraram o Rev. Emmanoel Vanorden, que fazia algumas semanas havia chegado ali e estava em preliminares para estabelecer uma obra evangélica independente.

³ *O Testemunho*. Ano II. 15 de fevereiro de 1905. Porto Alegre: Livraria do Globo, p.14.

⁴ Tudo indica que "ao Rio Grande" significa "ao porto da cidade de Rio Grande".

Devido⁵ a circunstâncias de força maior, o Rev. Ransom teve de regressar imediatamente ao Rio de Janeiro e deixou ficar com instruções e com grande porção de exemplares das Escrituras Sagradas o pregador que tinha-o acompanhado de Montevideú. Este ficou no Estado durante seis meses e, auxiliado por uma lanterna mágica, percorrendo várias localidades, reunia o povo todas as noites numa casa alugada para esse fim e fazia preleções evangélicas ilustradas com as passagens bíblicas reproduzidas pelo instrumento óptico com os mais ótimos resultados, pois, nas povoações, durante muitos dias, não se falava em outra coisa, noite após noite, e a sala tornava-se pequena e era com suma atenção e interesse que o povo escutava as verdades contidas no Evangelho de Jesus Cristo.

Tudo isto era semente arrojada na terra, que em tempo oportuno deveria brotar. O Senhor dos Exércitos diz: "Atira teu pão sobre as águas que depois de muitos dias o acharás".

O Evangelho penetrava simultânea e metodicamente nos lares, e o homem, a mulher e a criança, essa trindade humana, sabiam que não era uma mentira o Cristo, que a verdade era o Evangelho Dele com o poder de derrubar altares de ídolos e arrancar as raízes de velhos preconceitos e instituições caducas e, no seu lugar, plantar a justificação pela fé, na qual estamos firmes e nos gloriamos na esperança da Glória de Deus. (Romanos 5: 1-2)

É surpreendente considerar o espírito do filho da terra gaúcha e compará-lo com o dos estados do Norte. Aqui encontramos a tolerância e a liberdade, enquanto lá é o contrário. Aqui temos o direito de manifestar e divulgar nossas idéias e convicções religiosas sem sermos tolhidos no mais mínimo e ainda não se deu o fato vergonhoso de levantar-se numa praça pública um auto-de-fé queimando Bíblias, como se deu em Pernambuco não há muitos meses, e mesmo ferimentos, apedrejamentos e morte dada a colportores e pastores e outros escândalos promovidos pelos sectários de Roma a fim de coartar a liberdade de consciência do cidadão. Eles, na falta de argumentos para enfrentar a Verdade de Cristo, apelam para a violência, induzindo os ignorantes e fanáticos ao crime, provocando escândalos e cometendo atos repugnantes à civilização para *ad majorem dei gloriam*, segundo o rótulo jesuítico dos discípulos do capitão de dragões Ignácio de Loyola, como se Deus se gloriasse no sangue das vítimas e na algazarra das orgias e dos escândalos do bordel jesuítico.

Assim temos viajado por todo este Estado e pregando o Evangelho com toda a liberdade, recebendo sempre do público as mais sinceras manifestações de simpatia pela Santa Causa do Senhor. Depois da retirada do Rev. Ransom para o Rio de Janeiro, ficamos no Estado seis meses visitando os povoados no cumprimento da nossa missão, retirando-nos a Montevideú de onde tínhamos vindo.

No nosso relatório apresentado ao Superintendente da Missão, pela segunda vez ponderamos a urgente necessidade de estabelecer uma obra neste Estado, onde o espírito do povo era liberal, cansado já dos embustes do romantismo e ávido pelas verdades do Evangelho.

Poderíamos citar fatos de pessoas convertidas somente pela leitura da Bíblia neste Estado, que presentemente formam parte das congregações metodistas nele organizadas.

No ano de 1883, por ordem da Superintendência da Missão, fomos em viagem de evangelização percorrer toda a costa do rio Uruguai, visitando todas as vilas e cidades de ambas as margens. Pregamos durante dois meses em

⁵ O Testemunho. Ano II. 1º de março de 1905. Porto Alegre: Livraria do Globo, p.18.

Uruguaiana, celebrando as reuniões num teatro velho onde tinha sido antes capela do Espírito Santo, e em diversas casas de famílias que ofereciam as salas das suas casas para esse fim. Havia sumo interesse em escutar o Evangelho e muitos corações foram movidos a aceitá-lo; poderíamos citar nomes de famílias inteiras que aderiram à Santa Causa do Senhor se tivéssemos que escrever um livro onde admitiria todos os minuciosos fatos impressionáveis. Visitamos as cidades de Itaqui e São Borja, distribuímos o Pão suave e celestial profusamente durante um mês, nessas duas localidades, levando dali nossos corações cheios de gozo pelo que o Senhor fazia diariamente. De São Borja nos trasladamos a São Francisco; logo depois de curta permanência, fomos a São Vicente e, no seguinte dia, continuamos viagem até Santa Maria, onde ficamos uma semana. Quando falamos de Uruguaiana, passou-nos por alto dizer que era a segunda vez que visitávamos aquela cidade; dali tomamos rumo ao Alegrete, Santana do Livramento, D. Pedrito e Bagé, pregando em todos esses lugares sempre com bons auditórios. Nesta última cidade, onde permanecemos duas semanas, fomos a Cerro Largo, cidade da República do Uruguai, já terminando nossa excursão, seguindo direção a Montevideú. De Santa Maria fomos a Cachoeira, Rio Pardo, Santa Cruz, Encruzilhada, de onde regressamos com destino a Porto Alegre, que tínhamos visitado aproximadamente há dois anos e havia necessidade de regressar ao Prata porque deveria acompanhar o agente da Sociedade Bíblica, Rev. A. M. Milne, numa viagem prolongada de evangelização pelas repúblicas da Argentina e do Paraguai até o Estado de Mato Grosso.

O PIONEIRISMO DA OBRA EDUCACIONAL NO RGS

Ao regressar desta viagem que durou alguns meses e que foi interrompida por enfermidade do Rev. Milne, obrigando-nos a abandonar o trabalho antes de terminá-lo, porque estava no programa regressar pelo Estado de Goiás, recebemos do Superintendente da Missão a seguinte nota:

"MONTEVIDÉU, URUGUAI, 21 de MARÇO DE 1885.

Sr. João C. Corrêa,

Estimado irmão em Jesus Cristo.

Em vista da sua nomeação desta Superintendência, datada de 28 de fevereiro p. p., designando-lhe o cargo do Circuito da Província do Rio Grande do Sul e de encontrarem-se prontos todos os requisitos preliminares inseparáveis de sua entrada nesse cargo, translate-se na máxima brevidade com sua família para a cidade de Porto Alegre e fixe sua residência ali, formando o centro das operações da sua obra, a qual iniciará e prosseguirá *avante sob o sistema que é de praxe nesta Missão.*

Fraternalmente em Cristo,

Thomas B. Wood
Superintendente"

Ao receber esta comunicação, preparamos tudo para cumprir ordens e em poucos dias estávamos em nosso campo de operações, onde tínhamos um vasto horizonte diante dos nossos olhos, que sorria prazenteiro anunciando um tempo benigno para ótima colheita. Junto conosco vinha uma jovem professora ajudante que fora desligada de uma das escolas evangélicas de Montevideu e designada para tomar cargo da instrução da mocidade, que era o preliminar da nossa obra. No princípio de outubro do mesmo ano abrimos ao público, à Praça General Marques, um colégio misto que foi inaugurado com 3 alunos e o número destes chegou a 8 no fim do ano, que o clausuramos para reabri-lo no mês de janeiro do ano próximo. Neste mês abrimos as portas do colégio com o número de 12, que foi aumentando semana após semana e, quando chegamos ao mês de maio, tínhamos número superior a 100, e, quando terminou o ano letivo, 187 crianças de ambos os sexos [estavam] prestando exame das matérias do programa do ensino, e, além das matérias referidas, praticavam-se os cânticos religiosos que as crianças gostavam de cantar a cada instante e a leitura do Novo Testamento no começo dos trabalhos diários. Durante o ano inauguramos uma escola noturna para mulheres pobres e o número foi crescendo, contando com uma matrícula de 84. Essa escola funcionava todas as noites com grande proveito para as alunas. É-nos grato mencionar aqui que, presentemente, existe numa das povoações perto da capital uma dessas alunas dirigindo uma escola pública, havendo tido a primeira parte dos seus estudos em nossa humilde escola, conservando ela ainda as impressões recebidas na prática dos nossos trabalhos evangélicos.

Como essa, muitos outros alunos há que nós sabemos existem e que conservam as mesmas impressões e simpatias pela Causa do Senhor adquiridas nas nossas escolas.

A Escola Dominical foi inaugurada nesse mesmo ano, havendo todos os domingos um número de assistentes que o oscilava entre 20 e 30.

As reuniões para pregação do Evangelho publicamente não foi-nos possível inaugurar este ano pela falta de local aparente, porém tínhamos reuniões privadas em nossa sala de visitas com a assistência da família e alguns visitantes que convidávamos para esse fim.

Estava em nosso ânimo a idéia de estender a obra da educação, em primeiro lugar, para contar logo com o apoio dos alunos e os pais dos mesmos no futuro.

Este ramo de trabalho teve um desenvolvimento surpreendente porque tivemos de alugar outra casa e tomar mais quatro professores para atender solícitamente ao trabalho em vista da corrente sempre crescente do número de alunos.

Quando terminou o ano, todos estávamos cansados com nossas forças extenuadas, desejando prolongado descanso. Conservamos em nossa mente a recordação desse tempo que foi o de um verdadeiro sacrifício pelas lutas que tínhamos de enfrentar diariamente. Não dispúnhamos de tempo além do dedicado ao trabalho: de dia a escola diária e, de noite, a noturna, que durava até as 10 horas.

AS PRIMEIRAS CONTROVÉRSIAS⁶

Este florescente estado de coisas não estava sendo bem visto pelos sectários de Roma, que, como víbora pisada, deram o pulo de alarme, semeando, contra nosso trabalho, entre seus apaniguados comungantes, a mentira e a calúnia com o único fim de retirar a correnteza de simpatias de que éramos alvo do povo, e, virulentos de raiva, dirigiram-se ao Diretor da Instrução Pública, Dr. Jayme Couto, classificando nosso estabelecimento de instrução de foco de imoralidade, onde se inculcava no espírito das crianças doutrinas subversivas à Constituição com o único fim de destruir a moral e os bons costumes da sociedade e pediam medidas imediatas.

Em vista desta denúncia tão grave, que foi transmitida verbalmente ao digno Diretor da Instrução Pública por imbecis instrumentos do jesuitismo, ele nomeou uma comissão composta de três professores públicos, regentes de cadeiras nesta capital, para sindicar sobre o assunto. Oportunamente recebemos a visita desses ilustres cavalheiros que, depois de manifestarem o fim da sua visita ao estabelecimento, os conduzimos ao salão onde funcionavam as aulas e mostramos, em primeiro lugar, a disciplina posta em prática, logo os métodos de que dispúnhamos, o material para uso dos alunos, os objetos diversos para o ensino, objetivo das matérias, do programa etc., que destruíram por completo tudo quanto contra o estabelecimento fora inventado pelos nossos perversos detratores.

Ouvimos da digna comissão os mais elevados encômios, respeito ao estabelecimento e é nos grato agregar, ao que deixamos dito, que, no relatório dos sindicantes apresentado ao Diretor, foi recomendado a introdução nas escolas públicas de muitos utensílios que usávamos e não foi-nos estranho receber um dia a visita de um marceneiro que veio ver os referidos utensílios para fabricar idênticos, que até hoje estão em uso nas escolas do governo.

Esse foi o resultado de tanto alarme, de tantas mentiras e calúnias com o fim de fazer mal à propaganda do cristianismo evangélico entre os rio-grandenses.

A obra marchava florescendo e gozava de simpatia geral. Chegamos a sustentar 4 escolas, que atingiram a freqüência de mais de 400 alunos matriculados, tendo o número maior os da cidade, que alcançaram 284.

No dia 27 de setembro de 1885 fundamos, com 6 membros, a primeira classe metodista, sessão essa em que levantou-se uma ata assinando todos os presentes, cujo documento histórico encontra-se no arquivo da Igreja com o título "INSTRUÇÕES E MATRÍCULA", e uma cópia do referido documento foi enviada à Secretaria da Presidência da Província do Rio Grande do Sul, onde ficou registrada, assim como a nomeação do pastor. Nessa ocasião foram admitidas, como Lei orgânica da Igreja, *as regras de organização e disciplina da Igreja Metodista Episcopal dos Estados Unidos do Norte da América*, e a relação com a Missão Evangélica da Igreja Metodista Episcopal no Sul da América, cuja Superintendência achava-se nas repúblicas do Rio da Prata.

⁶ *O Testemunho*. Ano II. 15 de março de 1905. Porto Alegre: Livraria do Globo, p.22.

O METODISMO ENTRE OS ITALIANOS⁷

Como toda obra do Senhor, as operações continuaram lentamente devido às circunstâncias que impediam um desenvolvimento notável, nunca faltando-nos o ânimo e a força de vontade no fiel cumprimento dos nossos deveres.

A obra havia se estendido pelas colônias e tínhamos organizado congregações em Bento Gonçalves, Alfredo Chaves e na Linha Forqueta, perto de Caxias.

As congregações todas estavam animadas e a cada dia aumentavam em número de aderentes e convertidos. Para atender a essa obra entre os italianos, foi nomeado o exortador Rev. Carlos Lazzare, que pertencia à Igreja de Montevidéu, o qual trasladou-se para Bento Gonçalves, fazendo ali a sede do seu trabalho itinerante.

Anos mais tarde vieram suas filhas da Itália e teve de ser mudado, conforme a disciplina metodista, para Garibaldi, onde permaneceu algum tempo, logo para Forqueta, até que teve de retirar-se, depois de alguns anos de permanência no Estado, para Montevidéu.

Em tempo oportuno, entrou para fazer parte dos obreiros o Rev. Matteo Donati, colportor da Sociedade Bíblica Americana, que deixou este cargo para entregar-se ao trabalho de pregador metodista. Este valente arauto do Evangelho tomou logo cargo da igreja de Forqueta e empenhou alma e corpo dedicando-se à obra de uma maneira admirável; para ele, não havia sol nem chuva, noite e dia, nada havia que o detivesse em casa, todo o tempo o tinha empregado no trabalho da vinha do Senhor.

A obra, a seu cargo, prosperou durante o tempo em que tinha sobre si as responsabilidades e atenções dela.

Lutou com muitas contrariedades enfrentando com calma e amor cristão, vencendo-as. Ultimamente teve de ser removido para o Circuito de Santa Maria e empreender uma obra entre os italianos das colônias daquela região.

A obra entre os italianos tem um templo em Alfredo Chaves, outro em Bento Gonçalves e uma pequena capela na Linha Forqueta. Os dois primeiros foram adquiridos, em parte, por meios fornecidos pela Missão e pelos membros da Igreja; a capela da Forqueta, os irmãos cotizaram-se entre si e a compraram. Era uma capela católica que durante anos servira para os cultos da Igreja romana, que foi pelos evangélicos adquirida e consagrada ao Deus Vivo, Eterno e Imutável. Os deuses mudos foram trocados e, nos seus lugares, levantado o Deus do Monte Sinai, o Cristo do mar da Galiléia e o Espírito Santo repartido em línguas de fogo em Jerusalém no dia de Pentecostes. É admirável como aqueles irmãos da Forqueta sustentam a obra. Nos fundos do templo há algumas quadras de terreno pertencente, o mesmo que é cultivado em horas vagas por eles próprios, e o produto recolhido vendem e recolhem o dinheiro à administração econômica da Igreja para os devidos fins do culto.

Alguns dos crentes que formam a congregação são sinceros homens de fé provados, descendentes dos heróicos albigenses que com seu sangue selaram a fé de Cristo nos vales do Piemonte, onde se refugiaram escapando da fúria das feras do Vaticano, que nada poupavam e lá encontraram-se com um protesto lançado nas faces dos déspotas romanos, eternizando sua história, como essas lágrimas petrificadas do Egito derramadas pela História sobre as margens do Nilo.

⁷ *O Testemunho*. Ano II. 15 de março de 1905. Porto Alegre: Livraria do Globo, p.22.

Desde a Linha Figueira de Mello até o Guaporé e Santa Bárbara até o Rio do Ouro, incluso Caxias, toda esta zona está evangelizada pelos pregadores Lazzare e Donati, que durante anos trabalharam conquistando as almas para o Reino de Cristo.

O METODISMO NA CAPITAL GAÚCHA⁸

A obra na cidade de Porto Alegre gradualmente aumentava em número de aderentes, que faziam sua profissão de fé conforme a disciplina da Igreja Metodista. Dispúnhamos de uma modesta sala, na falta de outro local mais apropriado, e esta enchia-se todos os domingos e quintas-feiras, dias de culto público. Tínhamos um culto pela semana e Escola Dominical numa sala à Rua Ramiro Barcelos, onde funcionava uma das escolas evangélicas. Estes serviços eram freqüentados por pessoas, na sua maior parte, descendentes de alemães, todos empregados em fábricas existentes naquelas imediações. Conservamos esse trabalho durante alguns anos sem o mais mínimo proveito para a Causa, porque jamais se pôde organizar uma congregação permanente com obrigações disciplinárias; envidamos todos os esforços, procuramos todos os meios para fazê-los compreender a necessidade de organizar uma congregação entre eles, porém tudo foi em vão, até que deliberamos abandonar aquele terreno eminentemente árido. Anos depois, por iniciativa do Rev. João Price, foram inaugurados na mesma rua outros trabalhos que, como o último, eram freqüentados com aspecto animador. Tivemos o prazer de assistir, num domingo, à Escola Dominical, em que encontramos um respeitável número de crianças que desafiavam um futuro prazenteiro. Fiquei entusiasmado em ver a animação, o ardor com que aqueles seres pequeninos cantavam os hinos de louvor a Deus, como respondiam às perguntas das lições explicadas pelos instrutores e o texto áureo da lição do dia, tudo era animador, e finalmente aquele estado de coisas, não sei por que circunstâncias, teve de ser suspenso, ficando apenas a recordação histórica do que foi um dia.

Quantos sacrifícios têm sido feitos em favor dos povos e estes sempre refratários à voz do Evangelho de Jesus, que chama a todos: "Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei". (Mateus 11: 28)

Como metodistas, cabe-nos o orgulho de professar uma religião que nas suas regras disciplinárias dá a todo crente o direito de anunciar, em tempo e fora de tempo, a Verdade do Senhor. O metodismo não patrocina privilégios nem castas para o uso desse direito nato do crente, que como apóstolo insista em acercar-se a qualquer semelhante e dizer: "Venha e vê". Por isso não estranhamos ver um humilde operário, um trabalhador ou qualquer outra modesta pessoa, levantar-se no meio de um auditório e dizer o que Cristo fez por ele e que está disposto a fazer por todos.

No uso desse direito, que o próprio Evangelho não impõe travas, levantaram-se humildes crentes nesta cidade pregando a Boa Nova a grupos de gentes em diversos pontos da cidade, como sejam no Arraial da Baronesa, nas ruas da Margem, Fernando Machado, Colônia Africana, Caminho do Meio e outros lugares, inclusive Pedras Brancas, etc. Citamos o irmão Samuel Elliot, que nunca desprezava uma só oportunidade para anunciar o Cristo Crucificado. Merece aqui algumas palavras em sua memória, pois faleceu há alguns anos quando ainda podia prestar algum serviço, porque não era velho.

Protestante desde seu berço, era filho da velha Albion e com um caráter sério e severo como o são todos os ingleses. O conhecemos desde o ano de 1880, quando visitamos pela segunda vez a cidade de Rio Grande, colaborando ao lado do Rev. Emmanuel Vanorden como colportor de livros evangélicos e Bíblias.

⁸ *O Testemunho*. Ano II. 1º de abril de 1905. Porto Alegre: Livraria do Globo, p.26.

Mais tarde ficou a serviço da Sociedade Bíblica Americana, debaixo da nossa direção, nesta cidade durante alguns anos; deixou o trabalho bíblico para entregar-se à pregação do Evangelho conosco.

Apesar de ser pobre de conhecimentos científicos, que parecem ser o eixo sobre o qual gira a civilização moderna, Samuel Elliot era sábio, muito sábio a respeito do conhecimento de Deus, e, no desempenho dos seus deveres, confirmava periodicamente pelas ruas e praças o grau em que estava enraizada sua fé no Cristo como seu Salvador. Não era um homem de letras nem tampouco grande orador, apenas podia explicar-se, devido a ser estrangeiro e não conhecer claramente o idioma português. Por este fato, talvez muita gente se burlasse da sua palavra, porém, apesar disso, trabalhava com fervor e fazia compreender-se com mais proveito para a santa causa de Cristo do que podiam fazê-lo os mais eloqüentes oradores.

O vimos muitas vezes em casas particulares de família, rodeado de homens, mulheres e crianças, ouvindo falar do Evangelho e cantar hinos de louvor a Deus. Muitas famílias, que jamais tinham ouvido uma só palavra do Evangelho, vieram por esse meio a conhecê-Lo e obter sua salvação.

Assim trabalhava esse amado irmão, quando o sol desapareceu para ele no horizonte da sua vida pública. Muitos cristãos deveriam imitá-lo. Em vida soube revelar o poder de que acha-se possuído quem crê em Jesus e tem fé salvadora.

CARMEN CHACON: UMA INDIVISÍVEL LUZ NA OBRA EDUCACIONAL METODISTA⁹

As nossas escolas diárias, que, como disse antes, eram o preliminar da nossa obra neste Estado, continuavam a prestar valioso concurso a ela, conduzindo as crianças às suas casas com a semente do Evangelho, que diariamente recebiam nas aulas pela leitura do Novo Testamento. Tínhamos então a colaboradora de que já falei, que tinha vindo de Montevidéu para tomar conta como professora do trabalho da educação das crianças. Temos sobre a nossa mesa de trabalho um recorte do *Correio Mercantil* daquela época e dele extraímos o seguinte, que muito abona em favor daquela educacionista. Diz assim:

"Estava presente aos exames, que tiveram lugar na quarta-feira, a comissão da Instrução Pública composta dos professores Cabral e Borges.

Não só aquela comissão como outras pessoas que assistiram àqueles atos mostraram-se satisfeitas em vista do adiantamento que revelaram os alunos em geral. O método a seguir-se no colégio é o norte-americano, executado com perícia pela inteligente professora d. Carmen Chacon, que é a alma daquele estabelecimento literário.

Com pronunciada vocação para o magistério, tem ela imprimido no ânimo de suas discípulas os próprios sentimentos de modéstia, cordura e bondade que fazem dela uma boa educadora.

Causou-nos agradável impressão o adiantamento das tenras crianças, quase todas menores de dez anos de idade".

.....

Estas e outras apreciações referentes a essa inolvidável irmã, relativas ao seu caráter, inteligência e abnegação, temos em nosso poder tomadas de outras fontes além da nossa, que estávamos ao seu lado diariamente admirando aquele gênio possante de fertilidade. O Superintendente da Missão, Dr. Thomas B.Wood, em carta dirigida a ela, dizia: "Ao designar a ida de V. E. a Porto Alegre, a senhora encheu todas as minhas esperanças - todas, e principalmente tenho de admirar a paciência e a abnegação com que tem trabalhado noite e dia sem olhar pela recompensa material, a não ser o galardão espiritual. Desejo que anime-se cada vez mais para seguir cumprindo quantos deveres a Providência lhe destine, aproveitando todas as oportunidades para o bem e prosseguindo quantas aspirações sublimes Deus ponha ao vosso espírito.

Evidentemente não foi um passo equivocado destinando-a a essa obra, acompanhando vossos providenciais protetores, a quem V. E. vem a ser um colaborador de grande importância. Louvo a Deus pelos dons que Sua graça concedeu-lhe, especialmente na docilidade, prudência e lealdade ao dever e o gosto ao trabalho. Essas qualidades valem mais do que o gênio brilhante, porém, sobre tudo está esse *dom indizível* do amor a Deus, transformando todo ser de conformidade com a abençoada vontade Dele. Grandes são as provas e maiores as bênçãos dos que abrigam esse amor".

⁹ O *Testemunho*. Ano II. 1º de abril de 1905. Porto Alegre: Livraria do Globo, p.26.

Devido¹⁰ ao excessivo trabalho e outras circunstâncias, o encarregado da obra do circuito foi acometido de uma enfermidade que obrigou-o a desviar de si todas as atenções devidas ao trabalho durante algum tempo. O mesmo sucedeu à jovem colaboradora D. Carmen Chacon, e ambos foram prostrados ao leito com grave enfermidade — o primeiro permaneceu 22 meses enfermo, e ela, acometida de uma fatal enfermidade pulmonar que minou-a durante 10 meses, teve de retirar-se, aconselhada pelos médicos, para o Rio da Prata, procurando, no aconchego da sua mãe e nos salubres ares daquele país, lenitivo aos seus padecimentos.

Todos os recursos, tanto da ciência como pecuniários, foram postos ao seu alcance para ser tudo em vão, pois, na primavera da vida, quando apenas contava com 21 anos, a gentil jovem caiu justamente quando tinha abertas diante de si as portas de um brilhante futuro, que lhe garantiam a inteligência robusta e a dedicação com que se entregava aos árduos labores do magistério. Mas a morte tanto vai bater à porta do pobre como ao palácio dos ricos: aquele cérebro luminoso, cujas cintilações puras como as auroras boreais se refletiam na alma da infância estudiosa, morreu para a vida. Morreu tranqüila como um anjo que era, sentindo espelhar-se nos olhos a imagem da veneranda mãe, que religiosamente cerrou-lhe as pálpebras.

Triste e dolorosa recordação para nós que a vimos crescer ao nosso lado!

Filha de pais humildes e honrados, nascera numa pequena povoação do interior da República do Uruguai. Foi educada a expensas de quem escreve esta memória, conforme convinha à nossa posição social, nos melhores colégios de Montevideú.

Aos 15 anos, era adjunta numa das escolas evangélicas, onde desempenhava o lugar de professora com aproveitamento para os alunos e admiração para a diretora.

Enunciada desde sua infância no conhecimento do Evangelho de Cristo, cresceu Nele de uma maneira surpreendente e digna de todo elogio, até chegar a ser instrutora na Escola Dominical em que tinha sido aluna.

Longe do bulício das festas, contraía todo o seu cuidado à edificação do pequeno rebanho que tinha debaixo da sua vigilância, fazendo-o com todo amor e carinho como Jesus quer que se faça. Amava tanto a Escola Dominical que, ainda prostrada no leito da dor, sofrendo os cruéis efeitos da enfermidade, lembrava-se dela e um sorriso angelical aparecia nos seus lábios.

Jamais pronunciou uma queixa qualquer, sempre alegre. Na luta constante da vida, nunca desmaiou, nem contrariedade alguma enfraqueceu seus propósitos. Contemplávamos vendo animar as crianças entregues a seu cuidado, com toda a solicitude e carinho.

Modelo de virtude e candura! Carmen era a felicidade de sua família e alegria de todos quantos a conheceram e a trataram socialmente.

Duas relevantes qualidades que fizeram-na digna do apreço de todos em geral.

Deus dignou-se chamá-la numa idade de flores e quando cifravam-se nela as mais risonhas esperanças.

.....

¹⁰ *O Testemunho*. Ano II. 15 de abril de 1905. Porto Alegre: Livraria do Globo, p.32.

O mundo era muito pequeno para conter uma alma tão preciosa, e Deus, que é justo apreciador de tudo quanto é santo e bom, chamou-a para seu lado.

Hoje está brilhando, tendo na sua frente a coroa imarcescível da glória, concedida aos que pelejam a boa batalha e morrem no Senhor, e cantando hinos de louvor junto aos anjos e arcanjos em coro celestial.

Desapareceu da vida física, notamos falta de um rosto angélico, mas não nos entristecemos, porque, se desapareceu da Igreja militante da Terra, está no seu posto nas fileiras da Igreja triunfante no Céu, coroada com a vitória.

Estas linhas servirão como um débil tributo à memória de tão digna obreira, que caiu ferida pela foice da morte, trabalhando na vinha do Senhor.

A PROPAGANDA EVANGÉLICA¹¹

Com a perda de tão digna obreira e a enfermidade prolongada do encarregado da obra, esta sentiu-se notavelmente. Porém, logo animada com o reforço de outros obreiros, as senhoritas Rachel Foladori e Paulina Ladeveze, vindas do Rio da Prata para esse fim, uma nova época de triunfos brilhou no horizonte, iluminando a face da história da nossa Igreja.

Coincidiu com esta vinda a visita do Superintendente da Missão, o Rev. Dr. Carlos W. Drees, que vinha acompanhado pelo agente da Sociedade Bíblica Americana Rev. Andrés M. Milne, dois denotados campeões do Evangelho na América do Sul. O Superintendente introduziu alguns melhoramentos na obra, que veio animá-la, desenvolvendo-a em todas as suas ramificações. As reuniões para a pregação do Evangelho tomaram um caráter permanente que sucedeu-se até hoje, e, com essas vantagens, o número de membros da igreja a cada dia aumentava, necessitando outro local maior e mais atraente para os fins a que destinava-se.

Estranhamos, na política agressiva da Superintendência, não ter jamais esta procurado suprir a obra de um local próprio e deixar estas salas alugadas, que sempre na marcha do trabalho foram um obstáculo, visto dependermos dos proprietários a quem cedemos as mais absurdas pretensões, pois, quando melhor estávamos localizados, tínhamos de mudar-nos para outro lugar, às vezes bem distante do último onde estávamos, contraindo novos e onerosos gastos, e aumentando distâncias, que os membros da igreja têm de percorrer para assistir aos cultos. Com que temos gasto com aluguéis durante cerca de 20 anos de labor, tínhamos um soberbo edifício e livres de tantos incômodos e pretensões da parte dos proprietários.

Para auxiliar nosso trabalho de propaganda fundamos um periódico, o nosso inolvidável *Mensageiro Cristão*, à custa dos maiores sacrifícios, pois adquirimos em uma povoação do interior uma pequena tipografia com nossas economias particulares e, sem mais recursos do que os próprios nossos, o lançamos em circulação.

Temos gratas recordações e saudades daquele tempo em que éramos o proprietário, o redator, o compositor, o revisor, o impressor, o entregador, etc., cansados do trabalho diário e de dedicarmos parte da noite, e muitas vezes toda ela, para dar, no dia seguinte, conta da pontualidade e entrega que fazíamos às dez horas da noite e de madrugada.

Devido¹² à falta de um periódico ilustrado que servisse para distribuí-lo entre os alunos da Escola Dominical, tanto para que eles tivessem uma leitura proporcionada à idade das crianças como também para indicar as lições de cada domingo, fundamos outro periódico, a *Estrela D'alva*, que entregamos sua redação à senhorita Ponciana Corrêa, que durante sua existência soube dirigi-lo em boa altura, cuidando-o com boa leitura amena, instrutiva e agradável, pelo que tornou essa publicação a principal do seu gênero naquela época no Brasil. Estes dois periódicos sustentavam-se e eram diariamente procurados até por pessoas alheias ao Evangelho.

A obra evangélica continuava, cada dia, crescendo em número de aderentes, como disse anteriormente, e necessitava de outro local maior e mais apropriado ao fim destinado. Finalmente adquirimos um que durante anos serviu muito bem e comportava assentos para 200 pessoas nos dias em que havia certas celebrações

¹¹ *O Testemunho*. Ano II. 15 de abril de 1905. Porto Alegre: Livraria do Globo, p.32.

¹² *O Testemunho*. Ano II. 1º de maio de 1905. Porto Alegre: Livraria do Globo, p.38.

extraordinárias. Pela regra usual, as reuniões eram de 100 pessoas presentes, mais ou menos, e o local servia para esse número, que atualmente não aumentou, continuando o mesmo.

Depois de alguns anos de trabalho, cansados e gastos por uma vida tão laboriosa, tão cheia de sacrifícios e desenganos, fomos, a nosso incessante pedido, substituídos pelo Rev. Guilherme Robinson, que veio de Norte América, nomeado para tomar conta da obra que estava a nosso cargo. Preparamos todos os assuntos em campo para ele entrar livre de todos os obstáculos e entregar-se de corpo e alma a um trabalho florescente, visto estarem dominadas todas as dificuldades com que temos sempre de enfrentar quando trata-se de fundar uma obra pela primeira vez.

Durante dois anos estive dirigindo o trabalho a seu cargo, e nada sabemos da história dele durante todo este tempo porque encontrávamo-nos ausentes no interior do Estado, sem nada saber do que se passava aqui na capital referente à marcha da obra.

Sabemos que sua esposa esteve gravemente enferma e falecera um filho, pelo que, desanimado, e mesmo aconselhado pelos médicos que tratavam dela, retirou-se para seu país natal, inesperadamente, porque assim exigiam as circunstâncias do caso. Substituí-o neste espinhoso cargo o jovem João Vollmer, então estudante do Instituto Evangélico de Mercedes, na República Argentina, que aqui encontrava-se descansando e restabelecendo-se de uma enfermidade nos olhos que contraiu durante sua permanência no Instituto. Jovem ainda, sem experiência alguma num cargo de tantas responsabilidades e bem espinhoso, a pedido do Superintendente Dr. Carlos W. Drees, que encontrava-se nesta cidade visitando o circuito, vacilando, tomou conta da obra em caráter de encarregado provisório e, durante dez meses, dirigiu-a com a satisfação de todos e com muito proveito para ela, porque durante sua permanência tudo foi prosperidade, apesar de havê-la encontrado em condições pouco satisfatórias. Como tivesse de retirar-se para o Norte da América continuar com seus estudos, foi necessário ser substituído por outra pessoa e, para esse fim, foi convidado o autor desta história, que encontrava-se na cidade de Santa Maria da Boca do Monte, para, provisoriamente, encarregar-se dela. Assim foi: tomou a seu cargo a direção da obra local e continuou, durante alguns meses, procurar cumprir com seus deveres para a boa conservação do que encontrou e foi-lhe entregue.

Mais tarde foi sucedido pelo Rev. João Price, que veio do Rio da Prata para tomar conta do trabalho do circuito.

Até aqui é tudo quanto podemos dizer a respeito do que sabemos do nosso trabalho na seara do Senhor, desde o dia em que chegamos a essas praias hospitaleiras da nossa terra gaúcha.

Presentemente, estamos debruçados olhando as elaborações que passam pela retorta cristã nesta cidade. Não temos mais forças para formar ao lado de outros campeões de mais capacidade e energia do que nós; todos temos nossa época e nossa missão a cumprir, e já terminamos o que nos estava entregue a realizar, cumprimos o nosso dever, temos consciência disso e agora descansamos à sombra dos nossos louros até que o Senhor nos despeça, em paz.

Estivemos sós durante alguns anos em luta aberta contra o erro. Antes ninguém ousava pôr de manifesto as mentiras que em nome da religião do Cristo se inculcavam ao povo.

Lutamos sem tropeços nem descanso, merecendo toda sorte de insultos e calúnias dos nossos perversos detratores romanistas, saindo sempre triunfantes.

Fomos fiéis aos nossos propósitos, nunca arriamos bandeira nem retrocedemos uma linha da qual traçamos ao empreender a batalha santa do Evangelho; soubemos desmascarar o ultramontanismo e mostrar aos nossos patrícios a verdadeira religião de Cristo na sua pureza, livre das adulterações e das heresias introduzidas pelo papismo embrutecedor.

Hoje, depois de 20 anos de incessante trabalhar, vemos, graças a Deus, aparecer a aurora do novo dia, dia fatal e terrível para os que fizeram da religião do Cristo um vil comércio mundano, vendendo os sacramentos e os dons de Deus, como vende-se qualquer mercadoria.

Já não estamos isolados na árdua tarefa da discussão dos assuntos religiosos e na demonstração das explorações do romanismo.

Em todo este Estado existem cristãos evangélicos que, convencidos da verdade do seu credo, fazem ver ao povo a diferença que há entre o verdadeiro cristianismo de Jesus e essa falsa doutrina que, para a vergonha e opróbrio da humanidade, chamam-na de *católica apostólica romana*.

A mão da Providência está assinalando, dia após dia, a Besta do Apocalipse, a Babilônia, a grande mãe das abominações da Terra, embriagada com o sangue dos santos e dos mártires de Jesus, e marcando-a na frente com o estigma da reprovação geral.

Soou a hora fatal de desaparecer o monstro, e ele desaparecerá.

Nos congratulamos em ter, presentemente, companheiros que nos auxiliam na jornada redentora, e os animamos e nos animamos também a não desmaiar na luta, e a seguir avante, sempre avante, onde está o prêmio da vitória.

Façamos tremular o estandarte de Cristo mostrando ao povo seu Evangelho e a vitória será nossa. Sejam como os Apóstolos, fiéis testemunhas de Jesus.

O TESTEMUNHO

**A HISTÓRIA DA NOSSA IGREJA
POR JOHN W. PRICE
1899 – 1900**

JOHN WILLIAM PRICE: Notas Biográficas

John William Price nasceu do dia 31 de janeiro de 1870, em Denver, Colorado, Estados Unidos da América do Norte. Casado com Elizabeth Price, tiveram 2 filhas, Margarida e Elizabeth e 2 filhos, Thomas e Licwellyn.

Price e a família, enviados para o Brasil, pela "Christian Missionary Alliance", Aliança Missionária Cristã, chegaram em 6 de maio de 1896. Para aprender o português enquanto aguardavam nomeação foram para a cidade de Jaú em São Paulo. De Jaú partiram no dia 14 de agosto de 1897 para Buenos Aires, onde ficaram durante um ano e meio. Além da missão na cidade de Buenos Aires, Price atendia também as missões das cidades de Barras Del Sul e La Plata.

Em abril de 1898, nomeado para Cuiabá, Mato Grosso, Price viaja sozinho, subindo o Rio Paraná até Corrientes seguindo pelo rio Paraguai até Assunção. De Assunção até Corumbá, Mato Grosso e pelo rio Caxipó até Cuiabá viajando durante 23 dias. Esta viagem está registrada no diário de Price, transcrito por sua filha Elizabeth Price Gorsuch, em 1982.

Em 18 de maio retorna a La Plata para buscar a esposa e a filha. Do mês de julho, quando retorna com a família, Price permanece até o mês de outubro em Cuiabá. Por não receber o suporte financeiro da sede da Aliança Missionária Cristã, para a missão em Cuiabá resolve voltar para Buenos Aires. No dia 19 de março procura o Bispo Warren, responsável pela Missão da Igreja Metodista Episcopal na Argentina e Uruguai, buscando a transferência da Aliança Missionária Cristã para a Igreja Metodista.

A 9 de maio de 1899 é confirmado como pastor da Igreja Metodista Episcopal, e nomeado para servir a Igreja Metodista Central em Porto Alegre, chegando, com a família, em 28 de maio.

Neste ano, no dia 15 de setembro, organizou a primeira Liga Epworth, precursora das Sociedades Metodistas de Jovens. No dia 10 de novembro de 1901, na cidade de Santa Maria, numa das salas da Intendência, Price iniciou a pregação do evangelho naquela cidade. No ano de 1905 inicia o trabalho metodista na cidade de Guaporé. Em 1902 Price foi ordenado Diácono e 2 anos depois Presbítero.

Em 1906 o trabalho do sul foi organizado em Missão Sul Brasileira sob a superintendência do Rev. Eduardo Everett Joiner.

Em 1907 é nomeado para a Igreja Metodista em Uruguaiana, ano em que foi construído o templo, durante o pastorado do Rev. Eduardo Everett Joiner, o segundo templo metodista construído no Rio Grande do Sul, com projeto arquitetônico do Rev. C.L. Smith.

No ano seguinte, em 1908, além do pastorado, assume a direção do Colégio União (1908-1913). Foi no seu pastorado em Uruguaiana que o Colégio União, de propriedade do Prof. Aleixo Vurlod foi transferido para a Igreja Metodista. Em 1910 é construído o primeiro prédio do Colégio União. Também neste ano foi organizada a Conferência Anual Sul Brasileira. A 5ª reunião da Conferência Anual Brasileira, em Alegrete, foi presidida por Price, na ausência do Bispo.

Em 1915 retorna para Porto Alegre pastoreando novamente a Igreja Metodista Central.

Em 1921 é nomeado para o circuito de Caxias do Sul e Bento Gonçalves. O circuito de Caxias incluía Forqueta, Vila Seca e São Marcos e os três circuitos de Bento Gonçalves, de Alfredo Chaves e de Gramado. No ano de 1922 inaugura o templo de Caxias do Sul.

No ano de 1926 foi eleito secretário conferencial de educação. Também exerceu o cargo de Tesoureiro Regional.

No ano de 1927 é nomeado para a Escola Bíblica do Porto Alegre College (IPA) e em 1931 para a Igreja Metodista da Glória, em Porto Alegre.

Em 1932 é indicado como superintendente do distrito de Caxias. O Rev. Price aposentou-se em 1934.

No dia 21 de maio de 1951 com 81 anos de idade, e quarenta de ministério, seis no Uruguai e trinta e quatro no Rio Grande do Sul, faleceu em Denver, Colorado, EUA.

"40 anos ... gastos num ministério profícuo para a nossa Igreja e de bênçãos para a nossa terra".

Compilação de dados, fornecidos por Elizabeth Price Gorsuch, filha caçula do Rev. John W. Price, através dos diários do seu pai e da sua mãe, pelo Rev. Nelson Betts.

* Revd^a. Luane Rita

A HISTÓRIA DA NOSSA IGREJA POR JOHN W. PRICE 1899 – 1900

Sinto muito prazer em iniciar a história da segunda época da existência da nossa Igreja neste Estado. Intimamente relacionado com todas as faces do seu desenvolvimento nestes últimos anos, não deixa de exultar nas suas vitórias ou esperar que Deus nos conceda maiores bênçãos no futuro.

Neste esboço tenho utilizado os fatos mais salientes do nosso desenvolvimento histórico. Não há perseguições nem coisa alguma de extraordinário que possa relatar, escrevo apenas uma crônica de progresso normal, de semear, de esperar e recolher...

No mês de maio do ano de 1899, o Dr. C. W. Drees chegou de Buenos Aires trazendo em sua companhia o novo pastor da Igreja de Porto Alegre, Rev. John W. Price e família. Em tempo próprio foi apresentado à congregação e ao pastor interino, Dr. João C. Corrêa, que serviu no intervalo entre a partida do Dr. Vollmer para os Estados Unidos e a nossa chegada. A capela nesta data ocupava o prédio 317 da Rua Duque de Caxias; o andar superior dedicado ao colégio dirigido pela distinta professora D.^a M. Hegeman, auxiliada pelas senhoras D. Maria dos Anjos Ruiz e D. Ponciana Corrêa.

Além do trabalho de Porto Alegre, havia diversas congregações na região colonial servidas pelos Revdos. Lazzare e Donati.

Houve desde a nossa chegada um aumento constante e grande interesse foi desenvolvido entre a mocidade, que assumiu forma permanente na organização da Liga Epworth, no dia 15 de setembro desse ano. Esta Liga é a mãe de todas as demais Ligas e não há uma Liga no Estado que não fosse organizada por algum membro dela. Devemos muitos aos jovens de Porto Alegre e quero que a primeira chapa seja arquivada em honra daqueles que ainda trabalham na Liga. Eis a lista:

Presidente, J. J. Ruiz; 1.^a vice-presidente, D.^a M. Hegeman; 2.^a vice-presidente, D. Eliza Vollmer de Jesus; 3.^o vice-presidente, Júlio Fontoura; 4.^a vice-presidente, D. Maria dos Anjos Ruiz; secretária, D. Ponciana Corrêa; Tesoureiro, Silvério de Jesus.

No dia 24 de setembro realizou-se a organização da Escola Dominical no arrabalde denominado Floresta, a qual, depois de passar por muitas vicissitudes, finalizou-se. Os nossos trabalhos naquele lugar deram muito fruto, como nas outras partes onde houve escolas. É bom lembrar aqui a escola da Colônia Africana organizada e dirigida pelo irmão Silvério de Jesus, e depois pelos irmãos Ruiz e Santos; a escola da Rua da Margem e do colégio de D. Paulina Ladeveze; das escolas nas residências dos irmãos Mathias de Jesus e Ventura Quintans – cada uma das quais contribuiu com sua cota para a prosperidade da Igreja.

Não havia homens suficientes para organizar uma junta de ecônomos e, portanto, chamamos ao nosso auxílio as irmãs D. Margarida Vollmer e D. Herminia Weingartner e, com esta junta mista, efetuamos a reorganização da Igreja. Organizamos também uma república cristã, chamada Bethel, no beco do Jacques, que teve história importante para sua vida, tão curta. Seria uma lástima não recordarmos da Sociedade de Abstinência, que realmente contribuiu com relevantes serviços à causa, das discussões e debates, das reuniões mensais e das brigas – tudo é história agora.

No mês de novembro desse ano vieram de Buenos Aires e do Rio de Janeiro, respectivamente, os irmãos Rev. A. W. Greeman e H. C. Tucker, o primeiro, Presbítero Presidente e, o segundo, agente da Sociedade Bíblica Americana e

representante da Missão Brasileira da Igreja Metodista do Sul. Vieram estes com o intuito de considerar a transferência do trabalho rio-grandense à Conferência Brasileira, o que mais tarde efetuou-se. No ano anterior, o superintendente Dr. Drees visitara a Conferência Brasileira, reunida na cidade de Petrópolis, e encaminhara o projeto da transferência. Depois de visita na América do Norte, conferenciou com os respectivos secretários que logo deram por concluído o assunto.

Na ocasião da visita destes irmãos, apareceu em Porto Alegre Francisco Taborda, de Cruz Alta, que pediu um ministro para o trabalho inaugurado por Jacob Von Der Bruck, colportor bíblico. Convencido pelas suas palavras, o Rev. J. W. Price foi comissionado visitar os lugares seguintes: Valos, Três Capões e Cruz Alta. Enquanto esperava o Dr. Greenman em Porto Alegre, o delegado subiu a serra.

Foi encontrado em Cruz Alta um grupo de homens que ouviram o Evangelho do holandês Jacob e mostravam-se convertidos. Destacam-se especialmente Fermino e José de Souza e João J. de Bairros, homens de fé e obreiros na causa. Depois de pregação no Teatro da cidade, foi visitado o Fundo dos Valos. Concluída a visita, o Rev. Price voltou satisfeito com o futuro promissor do trabalho e recomendou a ocupação deste campo, que hoje é um dos melhores circuitos. No anuário da Conferência de 26 de julho, reunida em São Paulo, temos a seguinte notícia: “O presidente participou à Conferência, que o Dr. Lambuth, secretário da Junta das Missões, comunicou, por intermédio de H. C. Tucker, que o trabalho da Igreja Metodista Episcopal no Rio Grande do Sul fica a cargo desta Conferência”.

Na mesma Conferência foram lidas as nomeações pela primeira vez.

Presbítero Presidente, J. W. Wolling; circuito de Porto Alegre, John W. Price; circuito de Bento Gonçalves, M. Donati; circuito da Forqueta, Carlos Lazzare; circuito de Cruz Alta e Santa Maria, para serem supridos.¹³

¹³ *O Testemunho*. Ano III. 1º de janeiro de 1906. Porto Alegre: Livraria do Globo, p.2.

A HISTÓRIA DA NOSSA IGREJA POR JOHN W. PRICE 1899 – 1900

O trabalho no último semestre de 1900 aumentou notavelmente, tanto nas colônias e Cruz Alta como em Porto Alegre. O infra-escripto continuava suas visitas à região serrana com o resultado que a nossa igreja veio a ser mais considerada. Existiam certas observâncias entre os crentes que foram mal compreendidas pelos de fora. Estas desvaneceram em tempo e a igreja se estendeu cada vez mais. Depois de convidar a nossa igreja a trabalhar entre este povo, o Sr. Francisco Tabora se irritou e, recusando uma proposta feita pelo pastor, começou uma contra propaganda que por alguns anos atrasou o trabalho nos Fundos dos Valos e Três Capões.

No mês de janeiro de 1901, o Rev. J. W. Wolling chegou a Porto Alegre em sua primeira visita de inspeção a fim de completar a transferência das propriedades da sociedade missionária da Igreja do norte à do sul.

John W. Price foi reconhecido como procurador da Igreja proprietária e, depois de percorrer a zona de trabalhos, reuniram-se os dois representantes no dia 31 de janeiro na cidade de Porto Alegre. Nesta ocasião uma declaração de transferência foi lavrada e enviada às respectivas juntas de Nashville e New York.

O digno secretário Dr. Carrol, de Nova York, deu plena liberdade para os obreiros escolherem o campo em que desejavam trabalhar. O Rev. Price resolveu permanecer debaixo da direção da Igreja do norte e foi nomeado para Assunção na República do Paraguai. Depois, atendendo às necessidades do campo rio-grandense, resolveu ficar pelo menos até o tempo quando a obra se achasse bem organizada.

Dos dois ministros, o Rev. Donati ficou e o Rev. Lazzare voltou ao Sul. Sendo mais tarde nomeado para o circuito de Santa Lucia na banda Oriental. Miss Hegemann voltou à América (nov. 1900) e dali foi à ilha de Porto Rico, onde é diretora de um grande asilo de órfãos.

Durante a visita do Rev. Wolling à cidade de Cruz Alta foi organizada nossa igreja. Reunido na casa do amigo Oliveira, um grupo pequeno de crentes fez confissão pública da sua fé. Mais tarde organizaram-se as igrejas de Três Capões e São Lucas.

No mês de março de 1901, Miss Mary T. Pesend tomou a direção do Colégio Americano, Miss Della V. Wright chegando no mês de setembro do mesmo ano como auxiliar.

Na Conferência Anual deste ano foram apresentados aos membros do mesmo o Dr. Vollmer, recém-chegado dos Estados Unidos, e John W. Price que veio pela primeira vez à Conferência Brasileira.

A seguinte moção foi adotada pela Conferência. “É com prazer que recebemos a notícia que no sul do Brasil não temos senão um Metodismo Episcopal. Que a apresentação do trabalho no Rio Grande do Sul juntamente com toda a propriedade, membros e trabalhadores pela junta de missões da Igreja Metodista Episcopal, tem sido aceita pela Junta de Missões da I. M. E. do Sul, e de agora em diante fica formado o distrito do Rio Grande do Sul da Conferência Anual da Missão Brasileira da Igreja Metodista Episcopal do Sul”.

Fica, portanto, resolvido:

Que se estenda ao Rev. Dr. C. W. Drees e ao Rev. H. C. Tucker um sincero voto de agradecimento pelos serviços que prestaram como representantes das

respectivas igrejas e pelo feliz sucesso na transferência da dita obra. Que se estenda também um semelhante voto ao Rev. Wolling, procurador da I. M. E. S. pela maneira eficiente e satisfatória pela qual transferiu a propriedade da dita obra que consiste de cinco terrenos, três capelas e uma residência pastoral junto com a mobília, tanto das capelas como das escolas e da residência pastoral.

Que estendamos ao Rev. J. W. Price um muito cordial bem-vindo ao nosso seio e lhe asseguremos que é estimado como um irmão no Senhor. Tomamos também a liberdade de manifestar-lhe nossa alta apreciação pela maneira tão abnegada e pelo bom sucesso no cumprimento dos seus deveres no serviço do Divino Mestre no grande Estado do Rio Grande do Sul.

Assinados: E. A. Tilly
J. L. Kennedy¹⁴

A transferência deste trabalho foi muito comentada em circuitos missionários e marca mais um passo no progresso do fraternalismo das Igrejas evangélicas.

As nomeações deste ano foram:

P.P. — M. Dickie
Porto Alegre — João Vollmer
Bento Gonçalves — M. Donati
Forqueta — J.J. Ruiz
Cruz Alta — John W. Price
Santa Maria — James M. Terrell
São Gabriel e Bagé — Para ser suprido.
Rio Pardo e Cachoeira

Estatística

Membros 228

Quantia arrecadada 2:476\$000

¹⁴ *O Testemunho*. Ano III. 1º de fevereiro de 1906. Porto Alegre: Livraria do Globo, p.10.

**A HISTÓRIA DA NOSSA IGREJA
POR JOHN W. PRICE
1899 – 1900**

Nota-se: neste ano a ocupação de mais dois circuitos, os de Cruz Alta e Santa Maria. O primeiro suprido por James M. Terrell, o último por John Price. Até esta data o circuito de Cruz Alta foi visitado de mês em mês pelo pastor de Porto Alegre, que deu apenas poucos dias para este serviço tão importante. Com a chegada do novo pastor a cargo, o trabalho entrou em nova fase de desenvolvimento. O Rev. Terrell com uma energia incansável espalhou as boas novas da salvação por toda a região serrana indo até Soledade, Passo Fundo e Tupanciretã.

O **infra-escrito** pregou pela primeira vez em Santa Maria, na intendência que foi gentilmente cedida pelo digno intendente Sr. Valle Machado. Mais tarde mudou-se com a sua família para aquela cidade. Nov. 1º 1901. Começou também o trabalho em diversos lugares na serra.

O trabalho nas colônias italianas, melhor servido neste ano pelos irmãos Donati e Ruiz, ficou muito mais animado. Entraram, neste ano, 55 membros com outros resultados de não menos importância. Nestes circuitos (Bento Gonçalves e Forqueta) temos diversas propriedades incluindo capelas e lotes de terra, porém há sempre falta de obreiros. É uma região que oferece muitas vantagens ao missionário do Evangelho e nossa esperança é de ver todas as nossas capelas ocupadas por congregações fortes e prósperas.

Em Porto Alegre, o incremento do trabalho era o número respeitável de 77 membros. O novo pastor Dr. Vollmer, auxiliado pela sua clínica, estendeu o trabalho da igreja por toda a cidade.

O aumento, seja material, seja espiritual, deste ano, assumiu proporções esperançosas e deu para argumentar a fé dos obreiros espalhados pelo estado. Os membros subiram de 228 a 401 e o dinheiro arrecadado para todos os fins quase duplicou. A Igreja acordou-se e sentimos em todos os departamentos uma vida mais ativa e zelosa.

As nomeações foram:

Presbítero Presidente – M. Dickie

Porto Alegre – João Vollmer

Bento Gonçalves – J. J. Ruiz

Forqueta – Antonio Fraga

Cruz Alta – J. M. Terrell

Santa Maria – John W. Price e Matheus Donati

Cachoeira – para ser suprido

Uruguaiana – para ser suprido

Membros – 401

Dinheiro levantado – 4:126\$000

Distrito do Rio Grande do Sul
Estatística para o 1º semestre do ano de 1905-906

Circuito	Pastor	Orçamento	Todos os fins	Membros
Porto Alegre (estação)	Terrell	74\$	1:850\$	18
Colonial	Donati	-----	195\$ (?)	5
Cruz Alta	Ruiz	25\$	329\$	31
Santa Maria (circuito)	Lopes	24\$	227\$	8
Uruguaiana	Joiner	116\$	524\$	59
Porto Alegre (circuito)	Vollmer	96\$	1:108\$	22
Santa Maria (estação)	Price	-----	64\$	-----
Total		335\$	4:297\$	143

J. W. Price, P.P.¹⁵

¹⁵ *O Testemunho*. Ano III. 1º de março de 1906. Porto Alegre: Livraria do Globo, p.18.

A HISTÓRIA DA NOSSA IGREJA POR JOHN W. PRICE 1902- 1903

Chegou o P.P.M. Dickie pela primeira vez. Veio por terra de Uruguaiana e, em seguida, passou a inspecionar todo o trabalho.

Autorizado por ele, foi alugada em Porto Alegre a nova sala de cultos na rua Vigário José Ignácio. Esta capela cômoda e bem mobiliada marca mais um passo adiante no trabalho da capital. É de desejar que na Providência de Deus possamos ainda voltar à Praça General Marques tão intimamente identificada, durante longos anos, com o metodismo. É a terceira capela alugada e Oxalá que a quarta seja nossa propriedade. Foi iniciado ao mesmo tempo um movimento a favor da edificação desta nova capela, que pela fé esperamos.

No circuito de Cruz Alta foi completada a Capela de São Lucas, que representa muito sacrifício da parte dos membros e do pastor Terrell. Para a construção desta casa, foi recebida uma contribuição dos Estados Unidos.

No circuito de Bento Gonçalves foi liquidada a dívida que acabrunhava aquela congregação. Enfim, este ano foi um de bastante progresso material e pelo qual muito devemos ao P.P.

Tivemos o indizível prazer de ver embarcar em demanda do Granbery três estudantes, as primícias do novo ministério rio-grandense. Foram estes: Antonio Patrício Fraga, João Wagner Filho e José Kokot, todos da Igreja de Porto Alegre.

Apareceu agora a nova missão do Parque, que veio substituir a antiga missão da Floresta. Iniciada pelos irmãos Dickie e Vollmer, logo foi chamado o irmão Ruiz a fim de assumir a sua direção.

O aumento deste trabalho foi admirável. Estando situada num bairro bem povoado, não lhe faltou a assistência e, portanto, logo encontramos uma obra florescente.

Um auxílio poderoso no estabelecimento deste trabalho foi a escola diária dirigida pela Professora D. Della V. Wright. Impelida pelo amor da causa, tem sido o seu privilégio entrar em muitas casas com a mensagem do Evangelho e mais poderosamente influir nas vidas confiadas à sua instrução.

Este ano torna-se notável em toda a nossa história pelo fato de que o bispo Alpheus W. Wilson veio em visita episcopal. A primeira de um Bispo metodista ao Sul do Brasil. Ele presidiu a segunda Conferência Distrital que se reuniu no dia 9 de julho de 1903 na cidade de Porto Alegre. No primeiro suplemento da ata desta Conferência lemos que, embora o crescimento líquido seja menos do que no ano p.p., é notável que todos os pastores reconhecem a existência nos seus cargos de uma espiritualidade profunda e crescente. Este avivamento manifesta-se no número aumentado de casas onde se celebra o culto doméstico, e também se manifesta no zelo dos membros em assistir aos vários cultos e no convidar aos incrédulos aos mesmos.

Relata também que a Igreja da Forqueta tem uma roça e que pelo cultivo da mesma é que levanta os orçamentos. Creio que o exemplo e abnegação desta congregação devem ser lembrados pela Igreja.

Nesta ocasião, M. Donati, que trabalha neste estado quase desde o princípio ao lado do Dr. Corrêa, foi ordenado diácono local pela imposição das mãos do Bispo Wilson.

Na Conferência anual que se reuniu na cidade do Rio de Janeiro, foram admitidos João Vollmer e J.J. Ruiz em experiência à plena conexão.

Nas nomeações aparecem os nomes de J. Leonel Lopes e E.E. Joiner: o primeiro para o circuito de Santa Maria, e o segundo para Uruguaiana. É de justiça, em conexão com a organização deste novo circuito, mencionar o nome de Thomas Carey, que durante anos dirigiu uma Escola Dominical na cidade de Uruguaiana, que foi bem acolhida pelo povo da cidade. Descobri também vestígios dos trabalhos de diversos colportores e de uma visita de J.C. Corrêa feita há muito tempo, indicando que sempre haverá colheita da sementeira do Evangelho. As nomeações são:

P.Presidente – M. Dickie
Porto Alegre – João Vollmer
Bento Gonçalves e Forqueta – J.J. Ruiz
Cruz Alta – J.M. Terrel
Santa Maria e Cachoeira – J. Leonel Lopes
Silveira Martins – M. Donati
Uruguaiana – E.E. Joiner
Estatística:
Membros – 515
Dinheiro arrecadado – 5:724\$000¹⁶

¹⁶ *O Testemunho*. Ano III. 1º de abril de 1906. Porto Alegre: Livraria do Globo, p.27.

**A HISTÓRIA DA NOSSA IGREJA
POR JOHN W. PRICE
1903-1904**

Devido a doença, Miss Mary T. Peseud voltou aos Estados Unidos e no mês de agosto de 1903, Miss Clara B. Fullerton, assumiu a direção do Colégio Americano.

Apareceu à luz neste ano o novo órgão do distrito do Rio Grande do Sul. Foi o quinto jornal publicado pelo metodismo deste Estado. O primeiro foi o “Mensageiro Cristão”, publicado por muitos anos pelo Dr. Corrêa e que foi de grande valor na propaganda evangélica. O segundo foi a “Estrela D’Alva”, jornal infantil redigido pela senhora D. Ponciana Corrêa. O terceiro foi o “Advogado Cristão”, fundado pelo Rev. G. T. Robinson. O quarto foi “A Liga”, cujo relator foi o Rev. M. Donati. O último foi logo substituído pelo “O Testemunho”, iniciado pelos irmãos Dickie e Vollmer.

Chegou no mês de julho o Dr. Lambut, digno secretário da Junta de Missões da nossa Igreja. Veio estudar o novo campo recém-adquirido da Igreja do Norte e também projetar novos planos para seu desenvolvimento.

A Conferência Distrital deste ano se reuniu na cidade de Santa Maria, presidida pelo P.P.M. Dickie. Além das reuniões de costume, houve uma série de cultos de avivamento nos quais diversas pessoas deram o primeiro passo. Assistiu a esta Conferência a estimada diretora do Colégio Americano, D. Clara B. Fullerton.

Começou-se pregação do Evangelho na cidade de Cachoeira pelas irmãs Dickie e Lopes com considerável êxito.

Depois da Conferência Anual, a Igreja de Porto Alegre mandou mais um estudante ao seminário junto ao Granbery: Hélio Cotta Gonçalves.

As nomeações foram:

P. Presidente – John W. Price

Porto Alegre – João Vollmer

Santa Maria /Cachoeira – J. Leonel Lopes

Bento Gonçalves – M. Donati

Cruz Alta – J. J. Ruiz

Uruguaiana – E.E. Joiner

Ausente – J.M. Terrell

Estatística:

Membros – 605

Dinheiro – 6:530\$000¹⁷

¹⁷ *O Testemunho*. Ano III. 1º de maio de 1906. Porto Alegre: Livraria do Globo, p.34.